

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DO P. IMPERFEITO

Fátima Oliveira
Faculdade de Letras da
Universidade do Porto

De um modo geral, o Imperfeito é considerado um tempo do passado que é diferenciado do Perfeito por diferenças aspectuais.

Não se discutirá aqui todas as vertentes de tratamento semântico deste "tempo" mas simplesmente tentar-se-á mostrar que ele pode apresentar valores modais que habitualmente não são considerados e desta forma demonstrar que o modo pode estar intimamente ligado ao tempo.

Vejamos em primeiro lugar alguns tratamentos do Imperfeito.

Em Cunha e Cintra (84, p.450-1) considera-se que o Imperfeito "designa um facto passado mas não concluído" e emprega-se 1) quando, pelo pensamento, nos transportamos a uma época passada e descrevemos então o que era presente; 2) para indicar entre acções simultâneas, a que se estava processando quando veio a outra; 3) para denotar uma acção passada habitual ou repetida; 4) para designar factos passados concebidos como contínuos ou permanentes; 5) pelo futuro do pretérito; 6) pelo presente do indicativo como forma de polidez...; 7) para situar vagamente no tempo contos, lendas, fábulas, etc..

É-nos, assim, apresentado um leque considerável de ocorrências do Imperfeito, isto é, de usos possíveis consoante os contextos mas sem que sejam mencionadas razões para que tal aconteça. Alguns destes usos serão retomados e analisados posteriormente neste texto.

Quanto a Mateus et alli (83, p.104-110), o Imperfeito é tido como um tempo do passado que pode ocorrer em vez do futuro do passado ou que, dado que os tempos são tratados como intervalos ordenados, pode descrever um estado de

coisas que inclui um outro como por exemplo em (1):

(1) O João estava a estudar quando vim ao telefone (pag 109)

É dito acerca desta e outras frases que "Neste tipo de ordenação temporal, o estado de coisas que ocorre em ' I_U ' tem um valor aspectual durativo e aquele que ocorre em ' I_V ' aspectual pontual" (pag 109), sendo ' I_U ' o intervalo correspondente ao estado de coisas descrito na 1ª oração e ' I_V ' o da segunda oração.

Na verdade, não é necessário que ' I_V ' tenha valor pontual pois veja-se (2):

(2) "O João estava a estudar enquanto eu conversei ao telefone".

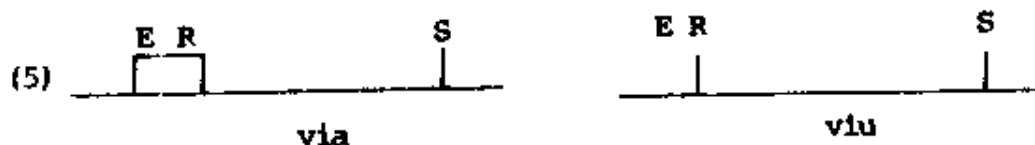
Reichenbach (1947) por seu turno, considera que os três pontos S (Speech point), E (Event point) e R (Reference point) permitem estabelecer a diferença entre (3)

(3) O João viu/via a Maria

através de



o que significa que tanto num caso como noutro é indicado que um evento (E) é anterior ao ponto da fala (S) e que é considerado a partir de um ponto R que é simultâneo com E. A diferença entre os dois é que o imperfeito é um "extended tense" (comparável à forma progressiva em Inglês), enquanto que o passé simple não o é. (Note-se que esta análise é para o Francês passé simple/imparfait mas que apresenta grandes semelhanças, neste caso, com o Português). Esta diferença seria assim representada da seguinte forma:



No entanto, esta perspectiva não parece completamente adequada porque o 'passé simple' ou o Perfeito em Português podem ser usados em frases que expressam um

intervalo considerável de tempo enquanto que o Imperfeito nestes casos não pode ocorrer.

(6) Durante toda a sua vida, a Maria foi uma lutadora

(6') *Durante toda a sua vida, a Maria era uma lutadora

Embora Reichenbach faça algumas sugestões relativamente ao ponto de referência R em frases complexas (isso é elaborado posteriormente por Smith (78) e Hornstein (77)) não tem em conta a ordenação no texto. Por isso mencionar-se-á a proposta de Kamp e Rohrer (83).

O ponto de referência tem aqui um papel central e a distinção imperfeito/perfeito é feita através das regras que são dadas para a construção dos Discourse Representation Structures (DRS) que é um nível intermédio entre o nível sintáctico e a interpretação em teoria dos modelos do texto.

A perspectiva é a do ouvinte e não do falante na medida em que a ordenação temporal é vista como instruções acerca de como interpretar as relações temporais entre estados e eventos no texto e qual a sua relação com o ponto da fala (S).

O ponto de referência é de extrema importância pois diz ao ouvinte em que tempo gramatical deve focar a sua atenção. Desta forma, os tempos do passado do Francês são classificados em dois grupos:

- 1) aqueles em que o ponto de referência não muda;
- 2) aqueles em que o ponto de referência muda.

De acordo com Kamp e Rohrer, o Imperfeito, o Mais-que-perfeito e o Futuro do passado pertencem à 1ª categoria enquanto que o 'Passé simple' e o 'Passé composé' pertencem à 2ª categoria.

Como o que aqui nos interessa é o Imperfeito, vejamos, para este caso, qual é a instrução: manter a posição de referência R e introduzir um estado de discurso S tal que RCS.

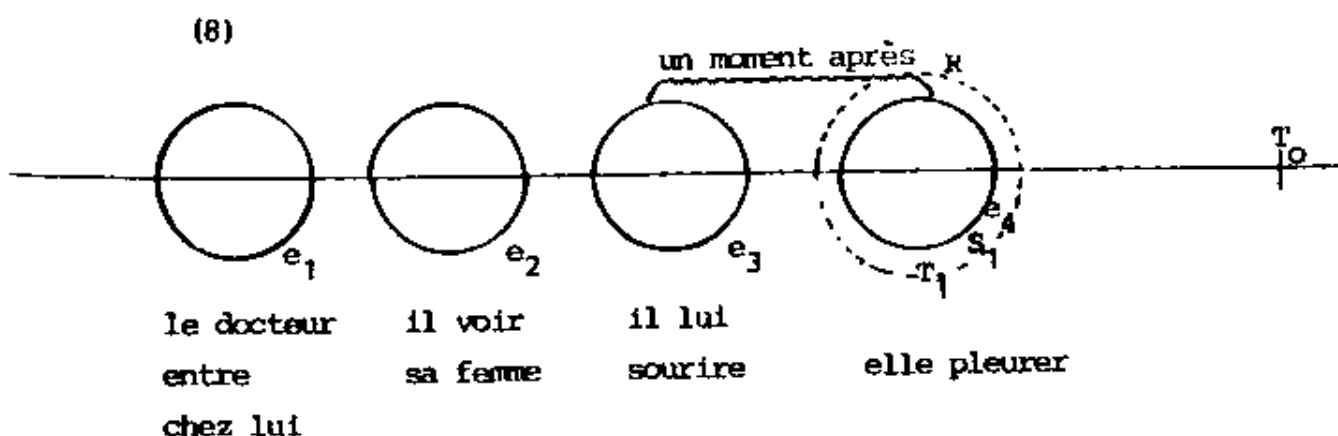
Note-se que o passê simple pertence à 2ª categoria e assim dá a instrução para mover o ponto de referência de forma a ser posterior à posição no eixo do tempo que ocupava na frase anterior.

Um exemplo ilustrará o que acaba de ser dito:

(7) Le docteur entre chez lui et vit sa femme debout.

Il lui sourit. Un moment après elle pleurait.

que é representado da seguinte forma



Embora estes tratamentos abram várias perspectivas em relação ao Im perfeito, aquilo que se considerará aqui são os casos em que o Imperfeito não está intimamente ligado ao Perfeito e por vezes até ao passado.

Vejamos, assim, alguns exemplos em que se evidencia não haver inclusão própria do intervalo do Perfeito num super-intervalo (state-discourse para Kamp e Rohrer) corresponde ao Imperfeito.

(9) Estava aqui à tua espera

(10) Já não te via há muito tempo

(11) Fazia-te em Évora

Em (9), (10) e (11) a interpretação mais plausível sugere que o Imperfeito, embora continuando fundamentalmente a ser um tempo de enquadramento, comporta uma duração discursivamente reduzida por predicados, ou advérbios com que se articula. Torna-se então necessário subtilizar o tratamento semântico (e também no

dal) do Imperfeito para que se possam compreender as frases em questão. Se (9), do ponto de vista aspectual-temporal, tem uma informação durativa, referido ao estado de estar à espera que é anterior ao tempo da enunciação, o enquadramento do Perfeito (subentendendo-se a chegada do enunciatório) não é evidente, por exigência contextual do "face a face" da interlocução entre quem esperava e o seu enunciatório. Se, como é natural, se admitir por evidência semântico-pragmática um inexpresso Perfeito ('já chegaste'), tem que conceber-se como imediatamente anterior ao presente da enunciação, postulando-se, não um Imperfeito, mas um outro presente de enquadramento, ancorado no, mais estrito, presente da enunciação (1). Assim, a leitura plausível parece poder explicitar-se como equivalente a 'estava, mas já não estou' (ou 'deixei de estar'), o que faz ressaltar um valor de contraste despoletado pelo Imperfeito. Observe-se a relação parafrásica local entre um Perfeito ('deixei de estar') e um presente ('já não estou'), que exprime bem a bivalência presente/pretérito de já chegaste, justificando a sua inserção como secção inicial do presente de enquadramento, assim demarcado do Imperfeito (2).

Confronte-se para maior clareza do exposto, a frase (9) com (9') e (9'') seguintes, na sua inserção dialogal:

- Que estás a fazer?
- (9') Estava à espera do jornal
- (9'') Estou à espera do jornal

No primeiro exemplo deste grupo, a utilização do Imperfeito, pela sua possibilidade de fazer surgir um contraste, aproxima-se de certas fórmulas de delicadeza com algum valor modal, na medida em que a chegada de alguém interrompeu a atitude de espera; (9''), por seu turno, é pragmaticamente menos complexo, visto que o 'estar à espera' se mantém durante o intervalo de enunciação, sendo incerta a sua continuidade futura.

(10), dito em situação de diálogo, parece apresentar efeitos semelhantes de contraste: decorreu um intervalo (há muito tempo) em que o enunciador não viu o enunciatório, até ao momento em que, por evidência contextual, o vê, momento que possivelmente coincide com a secção inicial do intervalo presente de en

quadramento. A este propósito, contraste-se (10) com (10'), (10'') e (10'''):

- (10') Já não o via há muito tempo
 (10'') Já não o vejo há muito tempo
 (10''') Já não te vejo há muito tempo

(10') mantém um efeito de contraste, apesar de, neste caso, se tratar, não de uma referência ao intervalo de enunciação, mas a um Perfeito omitido ('vi-o ontem'), considerando o na leitura que aqui nos interessa, de terceira pessoa gramatical. Este contraste joga nesta frase com a negação que directamente afecta via, mas o que mais interessa é que o uso do Imperfeito produz um efeito de contraste. Em (10''), no tempo presente, o efeito de contraste perde-se, o que mostra que só se mantém o efeito aspectual de duração projectada desde um ponto qualquer anterior ao intervalo da enunciação e prolongando-se, eventualmente, para um intervalo posterior a este. (10''') constitui um caso interessante, sobretudo em contraste com (10). A sua aceitabilidade - embora pareça contraditória a sua enunciação numa situação de interlocução 'face a face' - talvez se possa relacionar com o que em há muito tempo subsiste ainda de ideia de presente. É de notar que, em todas as frases esse constituinte fica sob o escopo semântico de já, que é caracteristicamente um operador de fronteira (de mudança) (3). A diferença entre (10) e (10''') é de estratégia comunicativa, que implica diferenças de conotação. Em (10), o uso do Imperfeito produz uma disjunção exclusiva entre o intervalo correspondente ao Imperfeito e do presente enquadramento, e dentro deste supõe uma mudança de estado do tipo 'vi-te agora'. Em (10''') não se salienta que a separação esteja passada, mas joga-se na contradição "não te vejo/vejo", o que, no plano da reactividade psíquica imediata, sublinha o ver presente, aquele que fica próximo e abrange o intervalo de enunciação.

(11), por seu lado, apresenta características semelhantes de contraste em que a duração não é tão evidente, mas sim uma oposição entre aquilo que é o mundo real (4) e aquilo que pouco antes o enunciador acreditava ser o mundo real. Trata-se aqui de uma oposição entre dois mundos (m_0 e m'), evidenciada por um jogo de tempos gramaticais levado a cabo pelo Imperfeito. Não é por acaso que a paráfrase anteriormente proposta inclui o verbo 'acreditar', pois se

trata de uma modalização que, contrastando dois tempos, contrasta simultaneamente dois mundos (duas formas de convicção, uma anulada pela outra sob índice temporal diferente). Este efeito é de tal forma evidente que (11) pode ser parafraseado por:

(11') Julgava que estavas em Évora

onde se encontra explícito um modal epistémico a dominar uma oração completiva. Em (11') torna-se ainda mais claro o contraste entre dois mundos, pois pode desdobrar-se em 'já não julgo que(...) porque constato que estás aqui'. A favor desta hipótese está o facto de ser impossível que o verbo da 2ª oração esteja no Presente. Esta marca de não-factividade na completividade é ainda mais interessante em:

(12) Pensava que eras médico,

onde seria aceitável que a modalização se assinalasse apenas no predicado complementador. Isso bastaria para afectar modalmente o predicado da completiva. No entanto, a não factividade passada (e também presente) de o enunciatório 'ser médico' está também marcada pelo Imperfeito da oração dependente.

É inegável que o Imperfeito tenha valor temporal e que sirva em grande parte dos casos como tempo de enquadramento do Perfeito, mas pelas suas características temporais e aspectuais de duração apresenta muitas vezes valores modais e até efeitos pragmáticos interessantes, como se pode ver em expressões correntes auxiliares por traços prosódicos:

(13) Querias!...

em que se nega a possibilidade de realização de um desejo ou expectativa e se contrastam dois mundos, pois é possível conceber que o 'querer' se mantenha mesmo sem efectivação possível. Provavelmente, na origem de (13) está a repetição algo trocista de uma frase optativa atenuada do interlocutor ('Eu queria...'), mas o efeito pragmático é de se negar a possibilidade de realização do objecto do 'querer' em causa, mediante o contraste entre um 'querer' cujo sujeito o julgava

realizável no pretérito e um 'querer' que o enunciador apresenta sugestivamente como não realizável no presente (5).

Assim, o Imperfeito manifesta uma propriedade inesperada, que consiste em não só operar um contraste (não é por certo alheia a esta função o facto de o Imperfeito poder ser utilizado em construções condicionais contrafactuais) (6), mas de o fazer através de mecanismos modais "criando" um mundo diferente daquele que é tido como real/actual.

O Imperfeito, apresentando tipicamente, por ser um tempo de enquadramento, uma relação de anterioridade quanto ao presente e de simultaneidade ou inclusão quanto a outro tempo (tipicamente o Perfeito), como temos visto, manifesta ainda a possibilidade dessa simultaneidade ser cancelada, implicando isso, muitas vezes, efeitos semânticos e pragmáticos de grande interesse. Veja-se a este respeito:

(14) O João estava a ver (via) televisão quando adormeceu (Dowty, 77)

(15) O Pedro estava mesmo agora aqui.

Em (14) o conhecimento do mundo impõe-nos a impossibilidade de, ao mesmo tempo, ver televisão e dormir, salvo em interpretação iterativa-alternativa da frase, e por isso a anterioridade do Imperfeito torna-se evidente: o último momento do intervalo expresso pelo Imperfeito precede imediatamente o primeiro momento do 'adormecer'. (15) apresenta um mecanismo semelhante, que se manifesta de uma forma diferente, pois a fronteira é assinalada com o presente explicitado pelo 'mesmo agora'. Trata-se de um presente lato de enquadramento, cuja secção inicial é ocupada por dois intervalos: um em que o Pedro estava presente, e outro em que o Pedro deixou de estar presente, este pressuposto por um efeito aspectual-resultativo evidente, isto é, o de Pedro já não estar no presente estrito da enunciação. Nestes casos, portanto, não se trata de um tempo de enquadramento, uma vez que a simultaneidade, ou até uma intersecção, se não verifica, acontecendo simplesmente uma sequenciação dos dois tempos, tal como acontece quando há dois Perfeitos seguidos, como em (16), em contraste com (16'):

(16) Ele tocou à campainha e ela desligou o telefone

(16') Ele tocou à campainha quando ela telefonava.

Dois esquemas evidenciarão melhor a função (ou funções alternativas) dos Imperfeitos de (14) e (15), respectivamente:

(17)



Presente de enquadramento
(agora)

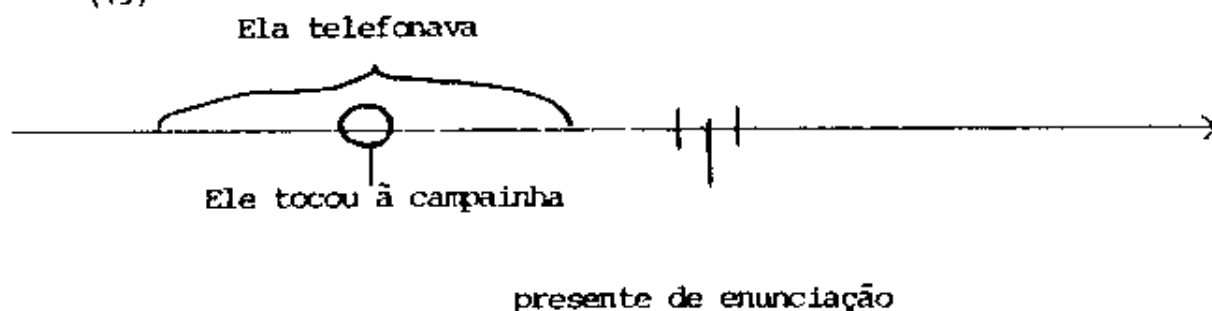
(18)



momento de

"achievement": 'deixou de estar' (fronteira de mudança de estado)

(19)



De notar que em (19) o Imperfeito serve de enquadramento, se não pela forma esquematizada, pelo menos integrando o último ponto do Perfeito. Estes esquemas tornam assim mais claro que, diferentemente do uso típico do Imperfeito como em (19), são

possíveis outros casos como o esquematizado em (17) e até o de (18). Esta possibilidade faz surgir a hipótese de que o Imperfeito apresente características de valor pragmático. Se (14) fosse ligeiramente alternada para (14'):

(14') O João estava a ver televisão quando a Maria apareceu,

seria plausível supor que se tratava de um Imperfeito de enquadramento. No entanto, com ligeiras diferenças (provenientes do tipo de predicadores) as duas frases são muito semelhantes. Para o verificar basta admitir que o João deixou de ver televisão quando a Maria chegou e que apenas, e eventualmente, voltou a ver num intervalo posterior à chegada da Maria. Tal admissão é contudo cancelável:

(20) O João estava a ver televisão quando a Maria chegou e continuou a ver.

O que é mais interessante é que o cancelamento seja produzido com um Perfeito e não com um Imperfeito, sendo este último efeito apenas possível quando o Imperfeito estiver ligado a uma construção condicional:

(21) ... e continuava a ver se eu não mandasse apagar o aparelho.

Este Imperfeito é equivalente ao condicional que alguns gramáticos designam como Futuro de Pretérito (Cunha e Cintra 84, p.461), mas é evidente o seu valor modal contrafactual (7).

As complexidades que o Imperfeito nos tem apresentado na sua relação de inclusão previsível mas cancelável com o Perfeito e o Presente, põem em relevo uma questão que aqui abordaremos sem aprofundar e que interessa à consideração semântica do aspectivo durativo em predicados dinâmicos, quer de processos, quer sobretudo de eventos, em especial quando está em causa um sujeito 'humano'. Estava à espera, via, pensava, queria exprimem algo que, por ser humano, é necessariamente dinâmico, e por isso a sua percepção supõe o desenrolar de processos psico-fisiológicos em dinâmica constantemente retroactiva. Noutras palavras, supõe "programas" de comportamento que se podem reconhecer no seu todo intencional, mesmo a partir de evidências parcelares ("rotinas" e "sub-rotinas"),

como atitudes fisiológicas de expectativa, acomodação ocular, mobilidade, coerência activa directa ou verbalizada de disposições, etc.. A intencionalidade, e, portanto, disposicionalidade intrínseca destes predicados que o Imperfeito e, por vezes, o Presente evidenciam, permite distinguir entre a sua "intensão" como programa não necessariamente actualizado, e a sua "extensão", que implica a relação com o respectivo objecto intencional. Em rigor o acto de ver televisão não é contínuo mas rítmico e a percepção de que alguém vê televisão é indirecta e inferencial e extrapola do presente de enunciação (8). Pelo contrário, um Perfeito apenas apreende o resultado extensional, realizado e objectivado de um programa de comportamento humano.

Aqui reside a base intensional e modal do Imperfeito, e a naturalidade com que se pode linguisticamente cancelar a asserção de duração do seu processo quando isso seja imposto por uma evidência objectiva extensional representada por um Perfeito ou até por um Presente como em (9) ou (14) pois um Perfeito pode ser traduzido em termos de resultativo. As articulações aspectuais/temporais em que figura o Imperfeito poderiam, portanto, servir de ponto de partida para uma semântica PROCEDURAL (9), que encare os predicados como exprimindo "programas" fisiológicos, psicológicos e outros, sendo conveniente não perder de vista as rotinas inerentes a cada processo e de que os predicados respectivos normalmente abstraem salvo quando obrigam a uma explicitação discursiva.

O Imperfeito tem outros usos mais ou menos acentuadamente modais. Assim, em (22), equivale a um condicional que, pela factividade do predicado complementar, pode classificar-se como um Futuro do Passado:

(22) Quando ele soube que eu já não vinha (E.Pontes, 72),

em que o Imperfeito enquadra o Perfeito mas com a implicatura convencional de que o intervalo de tempo desse estado de coisas se prolonga para além do Perfeito em causa, podendo mesmo ser inteiramente posterior como em (23):

(23) Ele soube que eu não vinha no dia seguinte

Se o complementar não for factivo como em (24):

(24) Ele julgou que eu vinha depois

torna-se evidente que o Imperfeito representa modalmente um mundo não-factual projectado num futuro do pretérito, e não num futuro meramente temporal do pretérito.

Em certos casos análogos, sugere-se que a situação correspondente ao Imperfeito abrange ainda o presente da enunciação:

(25) Ninguém fala. Estávamos todos com fome,

em que o efeito de contraste parece retórico, podendo (25) ser continuado por 'e ainda estamos', o que evidencia uma relação de inclusão do Imperfeito relativamente ao presente, aqui sub-intervalo.

Outros exemplos interessantes do Imperfeito são os de (26) e (27), com visíveis efeitos modais-pragmáticos:

(26) Espera um pouco. Eu ia ali só buscar um livro.

(27) Sendo assim, fazia o almoço num instante e depois saíamos.

Tanto em (26) como em (27) o Imperfeito não é temporal e as desinências produzem, nestes casos, um efeito modal articulado com actos ilocutórios indirectos de pedido e sugestão respectivamente. Contraste-se, para confirmação desta hipótese, com frases em que tudo se mantém igual, só com o Imperfeito substituído pelo Presente. Nestas frases assim transformadas haveria nitidamente o as sumir de uma autoridade que não se encontra em (26) ou (27), e os actos ilocutórios passariam a simples asserções. Por outro lado, o valor modal advém do facto de em (26) e (27) estar oculta uma condicional ('se não te importasses', 'se estivesse de acordo') em que o enunciador faz uma proposta ou pedido que assinala como dependente da anuência do(s) enunciatório(s).

Efeitos semelhantes encontram-se em:

(28) Nesta esplanada até tomava uma bebida fresca

(29) Agora fumava um cigarrito

(30) Vocês podiam contar agora coisas da vossa viagem (E. Pontes, 72).

em que o uso do Imperfeito serve para activar uma hipótese, ou sugestão, a deci-

dir e por isso pode ganhar a força ilocutória de proposta, pedido, anúncio de intenção, etc., consoante as condições do contexto e da situação.

Por outro lado, estes imperfeitos assumem muitas vezes cambiantes de sentido que têm que ver com atitudes do enunciador face ao que está a narrar ou até ao que se limita a constatar, e daí que frequentemente surjam efeitos de contraste, como se verificou em frases anteriores.

Outro emprego interessante e já aludido, corresponde a formas que tradicionalmente se chamam de delicadeza, como:

- (31) Vinha agradecer-lhe [...] (C.Ounha/L.Cintra, 84)
- (32) Fazia a fineza de ...
- (33) Davas-me a direcção do Pedro?

Estes exemplos manifestam também uma modalização, pois, se contrastarmos as frases correspondentes no tempo presente, verificamos que deixa de admitir-se qualquer condicional e que, por isso, não se encara a possibilidade de recusa. Digamos que estes efeitos consistem em evitar uma afirmação perentória de intensão ou de autoridade e em exprimir a deferência que merece o enunciatório. Em consequência disso, o enunciador exprime-se como não tendo a certeza da resposta ou reacção do interlocutor, utilizando o Imperfeito como forma de modalização que lhe permite mesmo "não perder a face" em caso de má recepção, o que corresponde a uma estratégia discursiva (10), abrindo desta forma o leque de alternativas, da mesma maneira que o faz um modal como poder.

Por último, consideremos um uso também curioso do Imperfeito, exemplificado em frases como:

- (34) Era uma vez um príncipe que vivia num palácio [...] Um dia o príncipe foi à caça
- (35) Eu agora era a Mãe e tu eras o Pai [...] Vamos ao jardim zoológico.

O primeiro elemento a considerar é a diferença entre a continuação do Imperfeito em (34) e em (35). Com efeito, em (34) os Imperfeitos parecem constituir uma forma de enquadramento para determinar uma narrativa de acontecimentos num

passado longínquo e/ou num lugar utópico. O Imperfeito é aqui utilizado de forma a introduzir num mundo diferente do real e para isso em (34) o verbo 'ser' é semanticamente existencial e apresenta uma forma exteriorizada como em (36) onde não há concordância verbal:

(36) Era uma vez três traços, que viviam sozinhos um para cada lado ... (Luisa Ducla Soares, História das 5 vogais)

(11) O enquadramento temporal é neste caso tipicamente indefinido, assumindo características de introdução num diálogo de um elemento novo que permitirá situar o assunto da história. Esta fórmula parece, assim, funcionar como um operador de introdução a uma narrativa de ficção, isto é, a um mundo de maravilha, em que não existem contrapartidas ("counterparts") (12) para referentes actualizados no mundo real. O que do mundo real se transfere para o mundo de "Wonderland" não são expressões de referência actualizada, mas apenas referências potenciais, como predicados nos pretéritos subsequentes aos imperfeitos de enquadramento modal-fictício, nomes comuns em anáfora a meros "discourse referents" (13), e ambientes fictícios ou de um espaço-tempo remoto.

Em (35) a passagem do mundo real a outro mundo pode não ser feita de forma imediata. Neste caso, o verbo 'ser' não é semanticamente existencial mas predicador, provavelmente de um papel ('rôle') atribuído, num mundo não-real, a um referente actualizado no mundo real e explicitado através de "tu", "eu", etc..

De todos os exemplos tratados, fica-nos a ideia global de que o Imperfeito, para além de funcionar como tempo verbal cujas características mal afloramos, apresenta empregos em contextos ou situações mais ou menos definidos que o tornam, em certa medida, um operador modal (predominantemente epistémico ou do xástico), conjuntamente com uma informação temporal na maior parte dos casos. Em conexão com isto, produz, por vezes, efeitos pragmáticos de grande interesse.

A conclusão, provisória, deste estudo é a de que devemos analisar os tempos na interdependência da análise das modalidades, dos efeitos pragmáticos, dos tipos de texto e da variabilidade intrínseca e flexional dos predicados. Pa-rece-nos, ainda, provável que se revele produtivo encarar os processos e eventos, nomeadamente os que predicativamente se relacionam com nomes de características humanas, como programas de comportamento complexo, analisáveis em rotinas integrantes e, por isso, passíveis de uma análise de acordo com modelos cognitivos.

NOTAS

- (1) Veja-se a este respeito LOPES, O. (1985): Para um Conceito Dístico de Presente e de Presença.
- (2) A este respeito, é conhecida a labialidade entre pretéritos perfectivos e resultativos presentes, por exemplo, na deriva diacrônica que transformou o Perfectum latino (resultativo) num pretérito românico. (comunicação pessoal de O.Lopes).
- (3) Ver a este respeito LOPES, O. (1983): Algumas peculiaridades do Português, e especialmente do Português europeu, que importam à teoria da semântica linguística universal e ainda OLIVEIRA, F. (1984) Universo de Crenças, Hetero e Anti-Universo.
- (4) Veja-se a este respeito o conceito de "actual world": "Actual is indexical, [...] it depends for its reference on the circumstances of utterance, to wit the world where the utterance is located", LEWIS, D. (1973) Counterfactuals pg. 85-86. Note-se que esta definição não é a única e a ela se podem levantar alguns problemas que não referiremos aqui.
- (5) Acerca da importância dos traços prosódicos veja-se MATEUS, M.H. e VILLALVA, A. (1985) A "pergunta" num contexto de interacção. Acrescente-se que neste caso, curiosamente, a marca de contrafactualidade é elevada do objecto de "querer" para o próprio "querer".
- (6) Essas construções contrafactuais são do tipo: "Ele era célebre, se não tivesse morrido cedo".
- (7) Há um uso análogo do Imperfeito em frases do tipo que DAHL, O. (1977) em Logic, Pragmatics and Grammar, p. 165-66, designa de "pseudo-conditionals" e que explica em termos de teoria dos jogos numa versão semântico-linguística proposta por HINTIKKA, J. (1973) Logic, Language Games and Information, p. 70-102.
- (8) Veja-se a este propósito o que RINGLE, 82 p.55 diz: "We presuppose that items such as perceptual properties, dispositions to behave, and qualitative aspects of sensation, are dependent upon the nature of our physiology and its causal connections with the environment. [...] Likewise, we presuppose that conceptualizations are largely determined by culture-dependent processes [...] persons who share cultural backgrounds will share similar modes of conceptualization". Veja-se também p. 58.
- (9) Confronte-se a este respeito com, entre outros, o trabalho de BEAUGRANDE, R.A. (1980) Text, Discourse and Process.

- (10) Um dos efeitos pragmáticos mais interessantes do Imperfeito em Português consiste em, por vezes, surgir em substituição do Perfeito para produção de um efeito de concretização sugerido pela sua função tipicamente durativa e descritiva, que o vocaciona para as descrições literárias. Já ALI, S. (1965) em Gramática Histórica da Língua Portuguesa, p. 314-15, dá exemplos de efeitos semelhantes para a prosa medieval, mas o processo é frequente, como, por exemplo: "Em Agosto de 1900 morria E. de Queirós na sua casa de Neuilly".
- (11) Vem a propósito lembrar que os verbos de existência enquadram tipicamente um facto ou entidade numa circunstância local ou temporal ("there is", "il y a"). Veja-se ainda LYONS, J. (1975) Deixis as a source of reference
- (12) LEWIS, D. (1968) Counterpart Theory and Quantified Logic.
- (13) KARTTUNEN, L. Discourse Referents.

BIBLIOGRAFIA

- ALI, S. (S/D) - Gramática Histórica da Língua Portuguesa, Melhoramentos, S.Paulo (5ª ed. 1965).
- BEAUGRANDE, R.A. (1980) - Text, Discourse and Process, Longman, Londres.
- CUNHA, C. e CINTRA, L. (1984) - Nova Gramática do Português Contemporâneo, Edições João Sá da Costa, Lisboa.
- DAHL, O. (1977) - Logic, Pragmatics and Grammar, Univ. de Gotenburgo.
- DOWTY, D.R. (1977) - Towards a Semantic Analysis of Verb Aspect and the English 'Imperfective' Progressive, Linguistics and Philosophy, 1.1., p. 45-78.
- DOWTY, D.R. (1979) - Word Meaning and Montague Grammar, D.Reidel Pub., Dordrecht.
- HINTIKKA, J. (1973) - Logic, Language Games and Information, Clarendon Press, Oxford.
- HORNSTEIN, N. (1977) - Towards a theory of tense, Linguistic Inquiry 8, p.521-557.
- KAMP, H. e ROHRER, C. (1983) - Tense in Texts, R.BÄURLE, C.SCHWARZE e A.VON STECHOW (orgs) Meaning, use and interpretation of language.
- KARHUNEN, L. (1969) - Discourse Referents, International Conference on Computational Linguistics, Oslo.
- LEWIS, D. (1968) - Counterpart theory and Quantified Logic, Journal of Philosophy, 65, p.113-26.
- LEWIS, O. (1973) - Counterfactuals, Harvard Univ.Press, Cambridge Mass..
- LOPES, O. (1983) - Algumas peculiaridades do Português, e especialmente do Português europeu, que importam à teoria semântica linguística universal, comunicação ao Congresso sobre "A situação da língua portuguesa no mundo", Lisboa.

- LOPES, O. (1983) - Sobre as contrastivas em Português, comunicação do "17^{ème} Congrès de Linguistique et Philologie Romanes", Aix-en-Provence.
- LOPES, O. (1985) - Para um conceito dicitico de Presente e de Presença, comunicação ao Colóquio sobre "Teoria do Texto", Évora.
- LYONS, J. (1975) - Deixis as a source of reference, KEENAN, E. (org.), Formal Semantics and Natural Language, Cambridge Univ. Press, Cambridge.
- MATEUS, M.H. et alii (1983) - Gramática da Língua Portuguesa, Livraria Almedina, Coimbra.
- MATEUS, e VILLALVA, A. (1985) - A 'pergunta' num contexto de interacção, Comunicação ao Colóquio sobre "Teoria do Texto", Évora.
- OLIVEIRA, F. (1984) - Universo de Crenças, Hetero e Anti-Universo: a propósito de "Pour une Logique du Sens".
- OLIVEIRA, F. (1985) - Alguns efeitos semânticos e pragmáticos do Pretérito Imperfeito, a publicar em Miscelânea em honra de H. de Carvalho.
- PONTES, E. (1972) - Estruturas do Verbo no Português Coloquial, Vozes, Petrópolis.
- REICHENBACH, H. (1947) - Elements of Symbolic Logic, Macmillan, N.York
- RINGLE, M. (1982) - Artificial Intelligence and Semantic Theory, SIMON, T.W. e R.J. SHOLES (orgs), Language, Mind and Brain, L. Erlbaum Associates, Londres, pg. 45-64.
- SMITH, C.S. (1978) - The Syntax and Interpretation of Temporal Expressions in English, Linguistics and Philosophy, 2, p. 43-100